

CAA-Recuperar

a história perdida

Por: Rosa Amaral

Tudo começou por uma ideia. Um grupo de estudantes decididos a provar a riqueza arqueológica de Almada e a contrariar a ideia feita de que nada de importante tinha acontecido naquele local ao longo dos séculos, juntou esforços e abriu caminhos. Hoje, 18 anos depois, o Centro de Arqueologia de Almada não só ajudou a recuperar parte da história perdida de Portugal como se tornou uma das associações mais respeitadas do país.

"Foi mais que persistência, foi mesmo teimosia", garante Francisco Silva, dirigente do Centro de Arqueologia de Almada. Longe vão os tempos em que Francisco Silva integrava o grupo de estudantes que levou a cabo as escavações arqueológicas na Quinta dos Rouxinóis e no Porto dos Cacos, em Alcochete. Um trabalho pioneiro na margem esquerda do Tejo e que surpreendeu muita gente. As peças encontradas foram expostas e conseguiu-se provar que o projecto era grande demais para parar por aí.

Hoje, o Centro de Arqueologia de Almada tem cerca de 500 sócios e, segundo Francisco Silva, "está imparável. Paralelamente à actividade científica - prospecção e escavação arqueológica, conservação e restauro do espólio encontrado ou apoio a projectos de investigação - o Centro de Arqueologia de Almada diversifica a sua actividade por outras áreas como a divulgação, seja através de exposições, como de sessões públicas ou visitas de estudo.

Mas uma das coroas de glória desta associação é, sem dúvida, a revista "Al-madan", uma publicação científica que conquistou o respeito de toda a comunidade.

É com indisfarçável orgulho que Francisco Silva mostra o último número, datado de Outubro do ano passado, em que colaboraram entre outros, nomes como Jorge Alarcão, Mila Abreu, Galopim de Carvalho, Luís Raposo, Vanda Santos ou Adília Alarcão. Os temas tratados neste número passam por um grande dossier sobre a actividade arqueológica em Portugal ao longo do século XX, artigos que focam temas ligados às áreas da Paleontologia, Arqueometria, e Arqueologia, bem como páginas de opinião,

nomeadamente sobre as condições de exercício da actividade arqueológica em meio urbano e a mediatização do célebre caso da criança de Lapedo.

"O primeiro número da "Al-madan" foi publicado em 1982 e a revista saiu até 85. Depois houve uma interrupção e só foi possível recuperar o projecto em 1992", conta Francisco Silva. Desde essa altura a "Al-madan" tem conquistado o seu espaço e, hoje, "os seus artigos são estudados e analisados nas universidades".

Este contacto com as gerações mais jovens é aliás um outro projecto muito acarinhado pelo Centro de Arqueologia de Almada. "É preciso sensibilizar os jovens para a defesa do património", defende Francisco Silva. Daí a importância das visitas das escolas primárias a Almada Velha, um projecto que esta associação tem levado a cabo com a colaboração da Câmara Municipal de Almada.

Mas não é só o património que preocupa o Centro de Arqueologia de Almada. A protecção e defesa do ambiente também fazem parte das suas actividades. "Está tudo ligado, por isso, quando estamos a trabalhar no terreno, temos de ter equipas multi-disciplinares". É por exemplo o que está acontecer com dois projectos que têm entre mãos. O inventário do núcleo histórico do Seixal e o da zona do Pragal. "O património não são só castelos e grandes monumentos: é também a memória da vida das comunidades". Razão pela qual, o registo sistemático de todos os edifícios, monumentais ou não, é fundamental para permitir o conhecimento da história desses locais.

Neste momento, o Centro de Arqueologia de Almada está num ponto sem retorno. "Para continuarmos a funcionar e a crescer temos que avançar para a nova sede". Esta é aliás a grande aposta de futuro desta associação. A Câmara de Almada já ofereceu um terreno, na Cova de Piedade, e disponibilizou uma verba de 15 mil contos. O projecto foi oferecido por um dos sócios. "Já não falta tudo", diz optimista Francisco Silva. Os custos totais deste projecto oscilam os 100 mil contos. Mas Francisco Silva acredita no apoio de várias instituições e de mecenas. "O trabalho do Centro de Arqueologia de Almada fala por si. Temos obra feita e um nome construído". E uma persistência sem fim. 

